

A TRILHA DO HERÓI: DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE

José Rosamilton de Lima - UERN¹
Ivanaldo Oliveira dos Santos- UERN²

Resumo:

Objetiva-se, neste trabalho, traçar um percurso histórico sobre o conceito de herói da antiguidade até a modernidade. O herói sempre teve seu espaço garantido desde as lendas transmitidas oralmente de geração para geração, que influenciaram várias obras literárias, seja na ficção do cinema inspirada na maioria das vezes na própria literatura e também na vida real. Pode se dizer que o herói é aquele que conquista a admiração pelos seus feitos e sua coragem, e, além disso, ganha o afeto do seu povo pelo seu caráter. O verdadeiro herói deve sempre lutar para estabelecer e garantir a ordem para proteger a sua nação. Como base teórica recorre-se aos estudos de Kothe (1987), Feijó (1995), Brombert (2001), Adorno & Horkheimer (2006) e Benjamin (1989). Diante da injustiça e desigualdade social o ser humano passa por sofrimentos, e a partir daí continua a existir o desejo e a necessidade de heróis para proteger a população e combater o caos social. Neste cenário de contrastes a mídia passa a ter muita influência na formação do sujeito. Logo, ela se insere neste meio e de forma lúdica lança estereótipos de heróis que geralmente surgem da política como alguém capaz de combater as injustiças sociais, que na maioria das vezes, são conseqüências do capitalismo. Portanto, a mídia contribui de forma significativa para configurar o herói da modernidade.

Palavras-chave: Herói; Mídia; Modernidade; Capitalismo.

Abstract:

This work aims to describe a historical route about the conception of hero since antiquity to modernity. Hero always had guaranteed space since the legends orally transmitted of generation to generation, that several influenced literary works, in the fiction of the movies inspirational in majority of times in own literature as well as in real life. Hero is whom conquests the admiration by his action and his courage.

¹ Graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa (2001), Especialista em Linguística Aplicada (2004) e em Língua Inglesa (2006). Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

² Possui graduação em Filosofia (1999), Mestrado em Ciências Sociais (2002) e Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005). Atualmente é professor adjunto II da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Besides, he wins the affection of people by his character. The true hero always must fight to establish and ensure his nation. This article has as theoretical base the studies of Kothe (1987), Feijó (1995), Brombert (2001), Adorno & Horkheimer (2006) and Benjamin (1989). In mean of the injustice and social inequality the human be passes by suffering, and from this continues to exist the desire and the necessity of heroes to protect the population and combat the social chaos. In this scenario of contrasts the media has much influence in the subject formation. Thus, it inserts in this mean and of playful mode launches stereotypes of heroes that usually arise of the politics as someone able of fight against the social injustices, that in majority of times, they are consequences of the capitalism. Therefore, media contribute of significant form to set the modern hero.

Keywords: Hero; Media; Modernity; Capitalism.

Considerações iniciais

O homem tem buscado seu aprimoramento pessoal, intelectual e tem desenvolvido invenções tecnológicas para suprir suas necessidades do cotidiano. Em consequência disso hoje vivemos em uma cultura da informação que se expande através dos meios de comunicação de forma muito rápida, possibilitando-nos ter acesso a fontes diversas. No entanto, a rapidez com que as notícias circulam muitas vezes não nos permite que façamos uma reflexão sobre a veracidade dos fatos.

A expansão do saber permite novas formas de pensamento que se distanciam de outras já consideradas ultrapassadas ou simplesmente chamadas de crenças costumeiras. O saber produzido cientificamente diverge da produção mitológica e tenta ignorar um conhecimento que conduziu o homem por muito tempo no decorrer de várias civilizações.

Na luta pela sobrevivência, houve a necessidade da organização em sociedade e, a partir daí, começa a se destacar aquelas pessoas mais bravas, corajosas, protetoras. Esses líderes foram capazes de conduzir povoados, por demonstrarem características superiores comparadas aos outros membros da comunidade que logo foram atribuídas ao sobrenatural. Portanto, resultante de uma imaginação fértil e estimulado por atos de bravura surgem os heróis.

O surgimento de um herói

Desde há muito tempo que na história da humanidade tem se revelado muitos heróis. Podemos dizer que o herói sempre teve seu espaço garantido desde as lendas transmitidas oralmente de geração para geração, que influenciavam várias obras literárias, seja na ficção do cinema inspirada na maioria das vezes na própria literatura e também na vida real. O fato é que os heróis nascem a partir de uma necessidade espiritual, uma forma de proteção contra o medo do desconhecido.

Considerando esses aspectos a literatura é um amplo espaço que suporta muitos heróis. Em suas obras se reproduzem o sistema social e o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. O herói na história política e sócio-econômica e também na literatura são personagens que podem vir da burguesia, da elite, do poder, como também das classes sociais mais baixas, insurgindo contra um governo autoritário, contra as injustiças sociais de um sistema econômico. Em outras palavras, ele pode surgir como resultado da imaginação de muitas gerações e que posteriormente são contemplados na literatura ou como também podem ser pessoas reais que desempenham ações de grande generosidade que adquirem visibilidade por representar coragem, astúcia, sabedoria, ousadia. Neste caso, o herói defende uma causa que beneficia sua comunidade ou uma nação, lutando assim por igualdade e justiça social.

Os primeiros tipos de heróis foram os clássicos. Estes não são caracterizados como intelectuais, mas homens de bravura e coragem com muitas estratégias que são bem sucedidas. Além disso, demonstram disposição para adquirir sabedoria e por isso estão num nível mais elevado do que outras pessoas que possuem um estilo de vida que não representa destaque com características bem simples de sobrevivência e submissão social. Eles representavam o poder e a burguesia. O herói é quem leva a coragem ao máximo a ponto de sacrificar a própria vida por uma causa maior. As obras clássicas são construídas por determinadas classes sociais e permite nos compreender o passado, repensando-o, criando novas sensibilidades e novas luzes para que se possa progredir no presente.

Sabemos que o mito surgiu desde os povos primitivos que realizavam seus ritos e cultos a presença de vários indivíduos que se destacavam dentre os demais por sua valentia e coragem, e que os gregos o nomearam de heróis. Os mitos gregos não desapareceram da memória histórica, portanto o nascimento do herói se deu com o mito. Segundo Feijó (1995, p. 14), “a mitologia grega pode ser resumida na vida dos deuses e heróis, sendo que os deuses tinham características humanas, como vícios e virtudes, e os heróis tendo características divinas, com poderes especiais, embora fossem mortais”.

Podemos dizer que o herói é aquele que conquista a admiração pelos seus feitos e sua coragem, e, além disso, ganha o afeto do seu povo pelo seu caráter. O verdadeiro herói deve sempre lutar para estabelecer e garantir a ordem para proteger a sua nação. No, entanto, é interessante mencionarmos também que a história consagrou os seus heróis na perspectiva de como ela é e por quem é escrita. De fato quem dita normas e determina aquilo que é verdadeiro é quem detém o poder, isto é, segundo os registros históricos, a criação do herói se dá por meio do discurso. Nesse sentido, Kothe (1987, p.15) afirma que “o herói épico é o sonho do homem fazer a sua própria história; o herói trágico é a verdade do destino humano; o herói trivial é a legitimação do poder vigente; o pícaro é a filosofia da sobrevivência feita gente”.

É verdade que o herói tem um amplo espaço na literatura. O poeta dá forma artística às crenças, aos mitos, aos anseios e desejos coletivos. A primeira forma que o herói atingiu na literatura foi a épica e seu maior poeta foi o grego Homero. Ele era cego, morava na região da Jônia, no século VIII a. C., e transmitia oralmente as sagas heróicas do povo grego que reuniam em duas obras primas a *Ilíada* e a *Odisséia*. Na *Ilíada* estão narrados acontecimentos que envolvem o último ano da guerra de Tróia, cujo herói principal é Aquiles. A *Odisséia* narra o retorno do herói Ulisses para o lar, após a guerra de Tróia. Os dois heróis são mitológicos e fazem parte da crença popular que conseqüentemente os tornou heróis épicos pela criação que o poeta Homero lhes deu. Vale ressaltar que as respectivas obras são datadas do século VIII – VII a. C., e portanto, as mais antigas referências ordenadas sobre mitos que certamente já eram parte da sociedade grega a mais de quatro séculos antes de serem registradas por escrito.

Com o tempo o herói se torna menos mitológico e mais humano. Kothe (1987, p. 14) afirma que “à medida que o herói épico decai em sua “epicidade”, ele tende a crescer em sua “humanidade” e nas simpatias do leitor/expectador”. Assim, o leitor sente-se mais emotivo por ver no herói características e semelhanças que estão relacionadas com maior proximidade da realidade da vida desse apreciador da literatura.

A história da literatura marca a passagem do herói divino para o herói humano, daí surge o personagem. De acordo com Feijó (1995, p. 63) “na mitologia, o herói é divino. Na poesia épica ele é unidade de sentimento e ação. Na história é separado da realidade. Na literatura, o destino do herói é a sua iniciação: a descoberta de si mesmo”.

Desse modo, o herói trágico surge da classe social alta, é situado no topo do poder. No entanto, ao longo do tempo ele descobre que seu agir foi errado e que, embora aparente ser o mais forte, na verdade na correlação de diversas forças apresenta-se muito frágil. Assim, somente depois que perde o poder é que busca a sua grandeza para recuperá-lo. O que se destaca no herói trágico é a sua intensa luta contra o seu destino, que ao final é superado por sua grande força, mas que nesse percurso ele se torna mais humanizado.

Nesse sentido, o herói trágico é visto como o personagem principal de uma tragédia. O uso moderno do termo geralmente envolve a noção de que o herói cometeu um erro em suas ações, o que leva a sua queda. Geralmente a sua falha mais frequente especialmente nos dramas gregos é o orgulho. Este herói é a verdade do destino humano, sendo o produto do acasalamento entre um ser humano e uma divindade. Portanto, ele representa os seres superiores e, ao mesmo tempo, a fraqueza, o vício do homem, e conseqüentemente a desgraça do herói.

Em seguida, podemos apontar o herói trivial, aquele que é bastante comum e que significa a legitimação do poder vigente, e dessa forma, procura elevar sempre a classe social a qual pertence.

Vale ressaltar que também se destaca na literatura o pícaro, que é o herói que representa uma espécie de malandro com muita esperteza perante o capitalismo. Ele procura sempre levar vantagem realizando trapanças com a finalidade de lucrar mais com menos trabalho.

Então, podemos dizer que a criação de um herói ocorre a partir de um apelo popular incontestável. O fator oculto sobre alguns mistérios históricos a cerca de mitos proporciona muita curiosidade e aumenta o interesse das pessoas. Ao herói são atribuídos grandes feitos e, por vezes ele aparece como o fundador de uma cultura. Dessa maneira, há na literatura ou na história da humanidade muitas personalidades que transitam entre o real e o imaginário, mas que acabam se solidificando na cultura de um povo como um mito.

A mitologia é o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento humano. Cassirer (2009, p. 21) afirma que “assim, tanto o saber, como o mito, a linguagem e a arte, foram reduzidos a uma espécie de ficção, que se recomenda por sua utilidade prática, mas à qual não podemos aplicar a rigorosa medida da verdade se quisermos evitar que se dilua no nada”. Nessa perspectiva, a realidade é algo criado de acordo com a vivência em uma determinada sociedade de um povo que com base na formação de seu pensamento creem em algo que para eles têm utilidade e direciona o seu viver, constituindo assim de sua cultura.

Segundo Cassirer (2009, p. 104):

O que chamamos comumente de mitologia nada mais é que um resíduo de uma fase muito mais geral do desenvolvimento de nosso pensar, é apenas um débil remanescente daquilo que antes constituía todo um reino do pensamento e da linguagem.

Nessa perspectiva, toda a produção do imaginário se torna possível por meio da linguagem. São as palavras que dão forma ao nosso pensamento. Logo, o mito está associado com a linguagem e ambos são resultados de um mesmo ato fundamental da elaboração espiritual da concentração e elevação da simples percepção sensorial. O imaginário evoca a ilusão do real no simbólico.

Vale ressaltar que todos os mitos da antiguidade eram alegóricos e simbólicos, contendo sempre alguma verdade moral, religiosa, filosófica ou ainda um fato histórico por trás, porém, com o tempo passam a ser compreendidos literalmente. Podemos dizer que os mitos são fruto do desejo da humanidade de explicar os fenômenos naturais que ela não é capaz de compreender. Portanto, muitos deles surgem da necessidade de dar sentido aos nomes de lugares e pessoas. É verdade que ao longo dos séculos homens ou instituições poderosas

distorceram ou inventaram fatos a seu favor para colocar o passado e o presente a serviço de ideologias ou de seus interesses próprios. Diante disso, alguns personagens reais foram transformados em lendas, seres sobrenaturais com evidências tão bem inventadas que parecem ter existido. De fato, se inclui aqui a categoria dos heróis.

O que denomina um herói desde a antiguidade clássica à era da modernidade é que ele assume a função de um protetor e salvador da humanidade. O conceito grego de herói inclui uma série de aspectos como o nascimento difícil, profecias envolvendo o futuro, exposição ao perigo, descoberta da origem nobre, façanhas memoráveis, vingança de humilhações sofridas, casamento com princesa ou heroína, reconhecimento dos méritos e morte trágica.

Diversas situações históricas foram capazes de inspirar heroísmos, e muitos personagens das artes e do imaginário popular são baseados nestes heróis. Muitas vezes constituem personagens cuja vida é baseada em uma pessoa que realmente existiu. Os diferentes movimentos culturais literários e artísticos inspiraram diversas atitudes heróicas ou serviram de pano de fundo para manifestos populares cujos líderes foram considerados heróis pelo povo, embora tenham sido duramente represados pelas minorias representantes do poder.

Kothe (1987, p. 53) afirma que “segundo Baudelaire, o poeta é o grande herói da modernidade, pois vive numa espécie de realidade em que não há propriamente lugar para o poeta: o que ele faz não vale nada para a sociedade”. A afirmação vem do fato de que atualmente vivemos em uma sociedade capitalista. E em meio a essa sociedade o homem parece ter medo de si próprio, da sua força, das suas qualidades, frente à supremacia da nova era tecnológica, por isso ele acaba criando um mundo no seu interior que ele pode expressar por meio da arte o seu espírito revolucionário.

Desde a antiguidade até a modernidade um dos aspectos mais representativos é o caráter moral do herói. No entanto, diversidade de opinião e contradições caracterizam quase todas as tentativas de delinear a natureza moral do herói. Brombert (2001, p. 18-19) mostra em resumo algumas diversificadas concepções de alguns importantes autores a cerca do aspecto moral do herói:

Friedrich Schiller acreditava que o herói encarna um ideal de perfeição moral e enobrecimento. (“Veredlung”). Thomas Carlyle via os heróis como modelos espirituais guiando a humanidade, e portanto merecedores do “culto do herói”. Joseph Campbell, em nossos dias, descreveu o herói de mil faces como capaz de “autoconquistada submissão” e pronto a dar a vida por alguma coisa maior do que ele mesmo. [...] Para Johan Huizinga, o herói era apenas um exemplo superior de homo ludens. [...] Sigmundo Freud, de maneira menos lúdica, embora também destacando a competição, ofereceu uma visão mais sombria. Em *Moisés e o Monoteísmo* definiu o herói como alguém que enfrenta o pai e “no fim suplanta-o vitorioso”, e ainda menos tranquilizadamente (a noção de parricídio não é nada edificante) como um homem que se rebela contra o pai e “mata-o de um modo ou de outro”. [...] Joseph Conrad [...] sugere que a “treva” é o domínio privilegiado da alma heróica. A finalidade entre o herói e as zonas obscuras tem sido expostas muitas vezes. Paul Valéry afirmou que tudo que é “nobre” ou “heróico” está forçosamente vinculado à obscuridade e ao mistério do incomensurável, ecoando a observação de Victor Hugo a respeito do obscurecimento legendário (“obscurissement légendaire”) cerca a figura do herói.

Como podemos ver há uma enorme diversidade nos conceitos de herói, uma vez que, há autores que definem como algo extraordinário, que deve ser realmente enaltecido devido a sua perfeição moral, por ser capaz de iluminar o caminho da humanidade. No entanto, outros estudiosos são mais cautelosos e apontam opiniões menos exaltadas e reconhecem no herói o desejo do imaginário das pessoas que buscam no fantasioso refúgio para superar seus obstáculos do mundo real. Além disso, é enfatizada aqui uma visão sombria do herói que está vinculada a obscuridade.

Na verdade, o termo herói designa originalmente o protagonista de uma obra narrativa ou dramática. Para os gregos, o herói situa-se na posição intermediária entre os deuses e os homens, e, portanto, tem dimensão semi-divina. Assim, o herói é marcado por uma projeção ambígua em que, por um lado representa a condição humana na sua complexidade psicológica, social e ética, e por outro lado, transcende a mesma condição, na medida em que representam facetas e virtudes que o homem comum não consegue, mas gostaria de atingir tais como bravura, coragem, superação, nobreza e força de vontade. Desse modo, suas motivações serão sempre moralmente justas ou eticamente aprováveis, mesmo que às vezes ilícitas e violentas.

A configuração da sociedade atual e o herói da modernidade

O homem aprendeu a dominar a natureza por meio das suas técnicas de evolução para o seu conforto e benefício próprio. Porém, atualmente, ele se sente pressionado pela inversão de papéis uma vez que foge ao seu controle a exploração inadequada e isso já é motivo de preocupação porque os cientistas defendem que as ações devastadoras do homem estão provocando sérias mudanças climáticas que poderão repercutir numa série de problemas para a humanidade.

Segundo Adorno & Horkheimer (2006, p.18):

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos.

É nessa produção do saber concebido por meio de métodos científicos que o homem tem como finalidade destruir os mitos e estabelece para que seja valorizado somente o conhecimento que se tenha comprovação na ciência. Vale ressaltar, que essa valorização de novos atributos a grande dificuldade para sobreviver no sistema econômico vigente no mundo atual tende a afastar o ser humano de princípios básicos relacionados à espiritualidade, ética e moralidade, que na antiguidade eram considerados de suma importância. Logo, nesse cenário sócio-econômico mundial prevalece o capitalismo, em que o que vale não é a satisfação de um estilo de vida tranquilo com o básico para se sobreviver com espírito de partilha, generosidade, uma harmonia com Deus. Na verdade, o fator mais relevante para o homem atual é o acúmulo da riqueza material, pois, cada vez mais somos conduzidos para o consumismo e buscamos o procedimento mais eficaz de conquista do capital.

Na perspectiva do esclarecimento os mitos são resultado da fértil criação imaginária do homem, que de certa forma se encontra amedrontado pelo natural, por aquilo que ele ainda desconhece. Assim, todo esse conjunto de personagens fantasiosos como demônios, anjos, espíritos, fantasmas, etc. são imagens especulares do homem que é a projeção do subjetivo na natureza. No entanto, segundo Charaudeau (2007, p. 43):

O saber não tem natureza, visto que é o resultado de uma construção humana através do exercício da linguagem. A atividade de construção consiste em tornar o mundo inteligível, categorizando-o segundo um certo número de parâmetros cuja combinação é bastante complexa.

Com base nisso, Charaudeau (2007) afirma que o saber é uma construção abstrata que é determinada pelo homem, obedecendo a alguns padrões que ele próprio estabelece e considera que é o mais correto. Neste caso, na atualidade, o esclarecimento exige a destruição dos deuses e reduz-se a grandezas abstratas e aquilo que não se reduz aos números passa a ser ilusão, logo é remetido para a literatura. No entanto, podemos propor uma comparação de que a finalidade do esclarecimento pode se assemelhar também ao mito, uma vez que ele tinha como objetivo relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar e explicar. Porém, é evidente que o cálculo científico dos acontecimentos e a utilização da lógica matemática propõem que se desfaçam as crenças costumeiras repassadas por meio da mitologia.

De acordo com Adorno & Horkheimer (2006, p. 21) “O mito converte-se em esclarecimento e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder”. Assim, o homem torna-se dependente do próprio saber que produziu, à medida que sente necessidade de fazer uso dele para se manter no poder e possuir a mera ilusão de satisfação pessoal, algo que na percepção dos mitos se busca na divindade.

Do mesmo modo que os mitos tentaram promover o esclarecimento, assim também o esclarecimento se situa mais ainda dentro da mitologia, pois ele recebe todo conteúdo dos mitos, em seguida tenta extingui-lo, porém, ao julgá-lo, ele acaba entrando na órbita dos mitos. Adorno & Horkheimer (2006, p. 25) advoga que “a duplicação da natureza como aparência e essência, ação e força, que torna possível tanto o mito quanto a ciência, provém do medo do homem, cuja expressão se converte na explicação”.

Na verdade o homem, para se refugiar do medo, que ocorre principalmente em situações extremas em que se depara com as dificuldades nos diversos aspectos na sua trajetória de vida, possui uma forte tendência em clamar por uma

força desconhecida. Esse sentimento situado em seu interior pode ser denominado de força espiritual, e forma como um resultado do sobrenatural ou do imaginário, os seus personagens divinos para que eles possam estimular a exteriorizar essa vontade de reação para conseqüentemente repercutir em ações que ocasionem a superação dos diversificados problemas que surgem.

Tal fenômeno tem ocorrido ao longo das gerações, daí a grande influência e presença constante do mito na cultura de um povo e a sua resistência na história da humanidade. Adorno & Horkheimer (2006, p. 26) afirmam que “os deuses não podem livrar os homens do medo, pois são as vozes petrificadas do medo que eles trazem como nome. Do medo o homem presume estar livre quando não há mais nada de desconhecido”. Vale ressaltar que esse estilo de vida o escraviza para o trabalho, obrigando a continuar na sua busca insaciável pelo conhecimento na tentativa de livrar-se do medo daquilo que lhe aterroriza que é o desconhecido.

No entanto, o esclarecimento tenta repassar justamente uma ideia contrária propondo o saber construído com metodologia científica na tentativa de livrar o homem deste mundo fantasioso. O saber produzido cientificamente é considerado o conhecimento seguro, preciso e certo, porque possuem fundamentos de certeza, verdade, razão e evidência observacional e experimental. Porém, esse saber acaba caindo em um universo da abstração, da técnica da matemática para desafiar os deuses por essa trilha do descobrimento daquilo que é desconhecido. Dessa maneira, ele próprio se configura como o dono do saber, e, portanto, como o próprio deus. Assim, o esclarecimento tenta exterminar com os mitos, esse conjunto de crenças que vem conduzindo a humanidade desde muito tempo.

No que se refere à literatura mundial Benjamin (1989) argumenta que o poeta Baudelaire conformou a sua imagem de artista a imagem de herói. Diante do auge do capitalismo no qual o homem vale pelos bens materiais que possui, o poeta demonstra sua frustração e angústia ao mesmo tempo em que ironiza e repugna esse sistema financeiro.

Vale ressaltar que o capitalismo é um sistema econômico em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada e com fins lucrativos. Desse modo, as decisões sobre oferta, demanda, preço, distribuição e investimentos não

são feitas pelo governo, pois os lucros são distribuídos para os proprietários que investem nas indústrias e os salários são pagos aos trabalhadores pelas empresas.

Atualmente já está sendo utilizado o termo capitalismo tardio, que tem como elementos distintivos a expansão das grandes corporações multinacionais, a globalização dos mercados e do trabalho, o consumo de massa e a intensificação dos fluxos internacionais do capital. Logo, podemos dizer que seria mais propriamente uma crise de reprodução do capital do que um estágio de desenvolvimento, já que o crescimento do consumo e da produção está se tornando insustentável devido à exaustão dos recursos naturais.

Com estilo único, demonstrando por palavras uma luta física contra o capitalismo, Baudelaire, mesmo em plena crise de nervos, preserva uma escrita sadia. É interessante mencionarmos que o francês Charles-Pierre Baudelaire foi um poeta e teórico da arte. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia.

Ele configura a sua imagem como um mendigo que não necessita de recursos financeiros para conduzir sua vida. Benjamin (1989, p. 73) mostra o conceito de modernidade na concepção do referido poeta afirmando que “o herói é o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma constituição heróica”. Assim, o operário assalariado que trabalha para sobreviver é escravizado pelo sistema capitalismo. Este homem representa o herói porque ele luta intensamente para ganhar seu sustento.

Baudelaire também enfatiza a discriminação que as lésbicas sofrem no meio social, e advoga que a humanidade nunca se acostumou com esses modos compassados e repugnantes. Benjamin (1989, p. 88) delimita que “a lésbica é a heroína da modernidade. Nela um ideal erótico de Baudelaire – a mulher que evoca dureza e virilidade – se combina a um ideal histórico – o da grandeza do mundo antigo”. Nesse caso, o homossexualismo representa uma atitude heróica para romper os obstáculos estabelecidos pela sociedade para que as pessoas que se enquadram nessa categoria adquiram um maior espaço no meio social.

Além de ser um precursor de todos os grandes poetas simbolistas, Baudelaire é considerado pela maioria dos críticos como o mais provável fundador da poesia na modernidade. Isso ocorre porque através da percepção do real, chegava sempre a

um correlato objetivo para o sentimento que desejasse expressar. Dessa forma, sua poesia tendeu para a expressão de imagens cotidianas, em que era evidente a concepção do autor, tendo ele sido em sua época quem melhor demonstrou compreensão imediata e deduziu a mudança radical provocada pela metrópole sobre a sensibilidade.

No cenário mundial já podemos falar em pós-modernidade que possui características no meio social que conduz o homem para a alienação, a anomia, a solidão, a fragmentação social e o isolamento. Segundo Jameson (2006, p. 29) está ocorrendo a “inauguração de uma sociedade totalmente nova, cujo nome mais famoso é “sociedade pós-industrial”, mas que também é conhecida como sociedade de consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade eletrônica ou *high-tech* e similares”.

O pós-modernismo concebe o sujeito de forma desfragmentado, que não possui um estilo individual e está sempre em processo de formação da sua identidade. Destaca-se o fim do ego burguês nessa nova fase da sociedade. Nesse prisma, a pós-modernidade é constituída pela cultura da informação, comunicação e das mídias, logo são estas as palavras da ordem do discurso. As mídias manipulam tanto quanto manipulam a si mesmas, e, portanto, elas possuem uma significativa contribuição na formação do saber e expansão do conhecimento no universo.

Considerações finais

Com base no exposto, podemos dizer que na atualidade o homem tem apresentado muito progresso, principalmente no que se refere à área da tecnologia e conseqüentemente nos meios de comunicação e divulgação da informação. Como resultado disso, na produção do saber por meio de pesquisas, utilizando-se de métodos considerados científicos, o homem busca cada vez mais exterminar com os mitos. Junto com a formação dessa cultura do conhecimento implantou-se o sistema capitalismo, em que o ser humano se configura como o centro do universo, e os bens materiais são as principais causas da satisfação pessoal, abandonando assim a crença em Deus em primeiro plano para sua vida.

Esse sistema financeiro predominante no mundo atual favorece para a concentração da riqueza para os grandes empresários. Enquanto isso, a grande maioria da população são trabalhadores que se esforçam bastante para ganhar seu sustento. Além disso, com a substituição da máquina em grande escala pela mão de obra dos trabalhadores a situação se agravou, proporcionando maior produção em menos tempo, e conseqüentemente dando mais lucro aos donos das empresas. Com a sobra de mão de obra há muito desemprego, ocasionando uma diversidade de outros problemas sociais tais como o aumento da violência e criminalidade, a falta de moradia, dentre outros.

Diante da injustiça e desigualdade social o ser humano sofre, e a partir daí continua a existir o desejo e a necessidade de heróis para protegerem a população e combaterem o caos social. Neste cenário de contraste a mídia passa a ter muita influência na formação do sujeito. Daí, ela se insere neste meio e, de forma lúdica, lança estereótipos de heróis que geralmente surgem do meio político como alguém capaz de combater as injustiças sociais, bem como de acabar e/ou reduzir esses problemas provenientes na maioria das vezes do sistema econômico. Portanto, a mídia contribui significativamente para configurar o herói da modernidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BENJAMIN, Walter. **Charles baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BROMBERT, Victor H. **Em louvor de anti-heróis**. Tradução José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Tradução J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo : Perspectiva, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. Editora Brasiliense. 1995.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo** A lógica cultural do capitalismo tardio. 2 ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2 ed. Editora Ática. 1987.